

RECENSÃO

A Santa Aliança: Ronald Reagan e os “neocons”

Miguel Monjardino

Doutorando na Graduate School of European and International Studies, Universidade de Reading, Inglaterra

Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

On the Brink: The Dramatic Saga of How the Reagan Administration Changed the Course of History and Won the Cold War

Jay Vinik, 1996, Simon and Schuster, New York, 672 pp.

No ensaio *The Unexpected Ronald Reagan*, John Lewis Gaddis escreveu que «dizer que a política das administrações Reagan em relação à União Soviética vai colocar problemas aos historiadores é subestimar o problema: raramente terá existido um abismo tão grande entre as expectativas de uma administração no início do seu mandato e os resultados conseguidos»¹. Quando Ronald Reagan tomou posse em 1981 não era «morning in America» e as relações Estados Unidos-União Soviética tinham atingido um dos pontos mais baixos desde o final da Segunda Guerra Mundial. Se alguma coisa reinava em Washington na agonia final dos anos Carter era o desespero e o pessimismo. Por isso mesmo, muito poucas pessoas terão imaginado que oito anos depois os Estados Unidos teriam conseguido não só uma retumbante vitória político-ideológica sobre a União Soviética como também dar uma importante contribuição para o fim da Guerra Fria. O cepticismo em relação à agenda política da administração Reagan não esteve confinado às universidades, Congresso e imprensa norte-americanas. Na Europa Ocidental, por exemplo, um número substancial de políticos e académicos nunca escondeu que a política da primeira administração Reagan em relação à União Soviética só podia conduzir ao desastre. O melhor exemplo dos receios europeus no início dos anos oitenta foi a transição do medo de ser abandonado para o medo de ser encurralado num conflito que ninguém desejava².

Reagan e os pesadelos europeus

Quando a Guerra Fria era jovem e a segurança da Europa Ocidental dependia do arsenal nuclear norte-americano, o pior pesadelo dos líderes europeus tinha um nome: medo do abandono. Charles de Gaulle não estava sozinho ao fazer a pergunta: «Quem pode ter a certeza que na nossa hora de perigo... um presidente dos Estados Unidos arriscaria... ver Nova Iorque ou Chicago destruídas para salvar Hamburgo ou Copenhaga?»³. A busca de uma resposta clara e inequívoca a esta questão provou ser difícil e isso explica o persistente medo de abandono nas capitais europeias.

No início dos anos oitenta tudo mudou. Então, o modo de ver uma administração norte-americana, liderada por um presidente com pouca experiência internacional e diminutos conhecimentos de história, envolver a Europa Ocidental num conflito catastrófico com a

União Soviética varreu as capitais e sociedades europeias. Nesses tempos, os anos da chamada «Segunda Guerra Fria», um pouco por toda a Europa o sentimento geral podia ser resumido em poucas palavras: «Reagan will kill us all». Centenas de milhar de pessoas pensaram isso mesmo e as manifestações contra a chegada dos Pershing II e mísseis de cruzeiro norte-americanos ao Velho Continente sucederam-se. Para muitos europeus, a palavra de ordem passou a ser «Better Red than Dead». Em 1983, o ano em que se viveu perigosamente na Europa, a transição do medo de ser abandonado para o medo de ver os países europeus encurralados num conflito nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética estava concluída.

Surpresas, desastres e paradoxos

Os anos oitenta, todavia, acabaram de uma maneira extraordinária: o Muro de Berlim caiu, a Alemanha deixou de ser um país dividido e, um pouco por toda a Europa Central e de Leste, as ditaduras comunistas sucumbiram mais ou menos suavemente à pressão popular. No final desta aceleração da história, a União Soviética implodiu.

O final da Guerra Fria foi intensamente desejado por muitos. Apesar disso, quando ocorreu, tal evento não deixou de ser surpreendente. Para muitos, os acontecimentos de 1989 foram mais do que surpreendentes: foram um desastre! Foram um desastre para alguns académicos, uma vez que tudo aquilo que tinham dito e escrito que nunca poderia acontecer, aconteceu! E, um desastre para alguns políticos, uma vez que tudo aquilo que tinham dito que devia acontecer, aconteceu!

Muito naturalmente, o final da Guerra Fria tem gerado – e vai continuar a gerar – um enorme debate entre políticos, jornalistas e académicos. Tal como aconteceu com a origem da Guerra Fria, o actual debate tem sido contundente e as principais contribuições são norte-americanas. Neste debate, saber que papel desempenhou Ronald Reagan no final da Guerra Fria tem sido um dos temas mais discutidos.

A polémica à volta da resposta a esta questão tem muito a ver com o próprio Ronald Reagan, um homem extraordinariamente complexo e contraditório. Escrever sobre Reagan é uma tarefa exigente. John Lewis Gaddis manifestou o seu desespero ao escrever que «parecia que alguém podia ser simultaneamente a favor da defesa, dissuasão nuclear, avanço tecnológico militar e um mundo livre de armas nucleares. Ou, pelo menos, Ronald Reagan podia»⁴. Reagan foi um presidente paradoxal uma vez que tendo sido eleito como conservador desejou presidir a uma revolução na política interna e externa norte-americana. Todavia, ao contrário da maioria dos revolucionários, Reagan nunca foi rígido em termos ideológicos e a sua propensão para assumir riscos foi sempre pequena. Para surpresa geral, Reagan provou ser um presidente extremamente pragmático, capaz de surpreendentes mudanças de atitude e dotado de extraordinária flexibilidade táctica⁵. É possível que isso possa ser explicado pelo facto de os seus objectivos serem contraditórios. Mas também é possível que o fosso entre a retórica e a acção política de Reagan esconda uma mente política mais sofisticada do que tem normalmente sido considerado possível por académicos e jornalistas.

Espectador ou agente da história?

Os paradoxos que sempre rodearam Reagan e a necessidade de ter em conta o que se passou na política, economia e sociedade da União Soviética durante os anos oitenta, não podem deixar de influenciar os autores que têm escrito sobre o final da Guerra Fria. De

acordo com Raymond Garthoff, Reagan foi em muitos aspectos um personagem cerimonial, com fraco controlo sobre o que se passava na sua administração e inteiramente dependente dos seus vizires e cortesãos para saber o que se passava pelo mundo. Embora Reagan tenha determinado a direcção da política norte-americana, o facto é que foram sempre outros a formular a mesma⁶. De acordo com esta linha de argumentação, nos anos que antecederam o final da Guerra Fria Reagan foi um espectador e, os programas de rearmamento e a Doutrina Reagan apenas complicaram a vida aos que no Kremlin tentaram introduzir mudanças na União Soviética. Segundo Garthoff, a «vitória» norte-americana só foi possível quando uma nova geração de líderes soviéticos compreendeu a dimensão dos falhanços internos e externos da União Soviética e o extraordinário final dos anos oitenta deve-se a Mikhail Gorbachev que «compreendeu e desenhou com sucesso a rota que conduziu ao fim da Guerra Fria»⁷. Resumindo: o final da Guerra Fria deve-se não a Ronald Reagan, mas sim a uma escolha de Gorbachev.

No entanto, autores como Richard Pipes e Henry Kissinger avaliam o papel de Ronald Reagan de uma maneira muito diferente. Ao contrário da maioria dos conservadores norte-americanos, Reagan terá actuado desde o início com base na ideia de que a União Soviética não era forte, mas fraca. O terror policial e a chantagem nuclear explicavam a sobrevivência do sistema soviético na dimensão interna e externa. Mas, como os discursos de Notre Dame (1981) e Westminster (1982) tornaram claro, Reagan viu o poder soviético como um fenómeno transitório, «uma experiência triste e bizarra na história humana cujas últimas páginas estão agora a ser escritas»⁸. Por isso, Pipes e Kissinger vêem os oito anos de Reagan na Casa Branca como anos de busca de uma solução final para a Guerra Fria. A consequência mais visível de um objectivo tão ambicioso e controverso como este foi o aparecimento de uma administração norte-americana com uma postura claramente ofensiva em termos ideológicos e geopolíticos. Para a escola conservadora, o combate contra o expansionismo geopolítico soviético e o programa de rearmamento norte-americano foram decisivos para o final da Guerra Fria⁹. O hardware norte-americano foi essencial para o colapso final da União Soviética e Reagan foi tudo menos um mero espectador da história. Reagan foi o agente da história, o líder que forçou a liderança da União Soviética a ceder.

Um livro para os «true believers»

On the Brink, de Jay Winik, é mais uma contribuição para este debate. O seu autor é doutorado em Ciência Política por Yale e, entre 1985 e 1988, foi um dos assessores de Les Aspin no Comité das Forças Armadas da Câmara dos Representantes. Actualmente divide o seu tempo entre as Universidades de Maryland e George Washington, onde ensina Política Internacional. Tendo em conta estas credenciais, *On the Brink* é um livro destinado a desiludir um número substancial de leitores.

Winik não esconde que *On the Brink* é um livro para os «true believers» e o subtítulo é o primeiro indício disso mesmo. O autor faz uma defesa apaixonada e nada crítica de «um presidente visionário» e do seu papel fundamental na vitória norte-americana na Guerra Fria. Apesar de reconhecer que Reagan foi um homem «escorregadio», Winik é peremptório: «Ronald Reagan será lembrado pela história como um dos maiores presidentes e a sua administração como uma das mais históricas». Segundo Winik, no futuro, será comum ver o nome de Reagan ao lado dos de George Washington, Abraham Lincoln, Franklin Delano Roosevelt, Harry Truman e John Kennedy.

On the Brink desilude ainda por outras razões. Em determinadas alturas, especialmente quando Winik relata as batalhas políticas entre as administrações Reagan, um Congresso esquerdista e uma imprensa hostil e cínica, o livro é demasiado estridente e o leitor desespéra. Ao ler essas páginas fica-se com a sensação de estar a ler um livro de Tom Clancy. Além disso, um habitante do Velho Continente não pode deixar de ficar maravilhado com a «claustrofobia» do livro. A «história» passa-se quase toda em Washington e o resto do mundo é um pormenor que aparece de vez em quando. Finalmente, o livro é o resultado de mais de duzentas entrevistas e, durante a sua investigação, Winik teve acesso a uma série de arquivos pessoais e documentação confidencial. A bibliografia citada no final é excelente e preenche vinte e duas páginas. Mas, infelizmente, o livro não inclui notas de pé-de-página e os leitores mais exigentes não deixarão de o deplorar. O facto de o autor escrever que as notas, fotocópias e entrevistas que deram origem ao livro, poderão ser consultadas daqui a quarenta e cinco anos na Sterling Memorial Library em Yale constituirá um magro consolo para a maioria dos leitores da Política Internacional.

Apesar de todos estes «pecados», On the Brink não deixa de ser um livro fascinante. Primeiro, por ser uma das melhores «inside stories» dos anos Reagan. Winik relata episódios deliciosos como Ronald Reagan a dizer a um Paul Nitze claramente céptico «você diga-lhes [aos membros da delegação soviética em Genebra] que trabalha para um filho da [...] muito duro»; Richard Perle, de joelhos, a melhorar uma das propostas norte-americanas na caótica Cimeira de Reiquejavique, usando uma banheira como secretária; e, Caspar Weinberger a convencer Ronald Reagan a aceitar a «opção zero» com o argumento de que a mesma traria ao presidente norte-americano o Prémio Nobel da Paz.

Segundo, porque Washington, com as suas lutas diárias entre a imprensa, televisão e políticos, continua a ser a cidade mais cruel e imprevisível do planeta. Tal facto não deixa de ter consequências na maneira como as decisões são tomadas na Casa Branca, Congresso e burocracia norte-americana. O processo de decisão política norte-americano tem fascinado – e horrorizado – os europeus, pelo menos desde os tempos de Tocqueville. Os académicos e jornalistas interessados em actualizar os seus conhecimentos sobre o assunto não deixarão de aprender muito com o livro de Winik.

Terceiro, porque Winik arrasta para o centro do debate norte-americano sobre o fim da Guerra Fria os nomes de Richard Perle, Jeane Kirkpatrick, Max Kampelman e Elliot Abrams. No início dos anos oitenta todos eles eram Democratas, profundamente desiludidos com a vertigem esquerdista do seu partido e horrorizados com a presidência de Jimmy Carter. Neste contexto, a verdadeira contribuição de On the Brink é acentuar o papel destes neoconservadores democratas na agenda intelectual e ideológica de Ronald Reagan. Segundo Winik, ao tornarem clara a dimensão moral e ideológica da política externa norte-americana, os neoconservadores asseguraram três coisas:

- a sobrevivência de uma forte base política na sociedade norte-americana para as opções de Ronald Reagan;
- o apoio de um número importante de Democratas no Congresso a algumas das decisões mais importantes de Reagan; e,
- um ataque em todas as frentes à legitimidade do regime da União Soviética.

O poder das ideias

Se Melvyn Leffler e o seu *A Preponderance of Power. National Security, the Truman Administration, and the Cold War*, publicado em 1992, servirem de exemplo, não é difícil chegar à conclusão de que um livro mais ou menos consensual sobre as administrações Reagan só será publicado daqui a umas décadas. No entanto, a consciência deste facto não tem impedido uma série de autores de escreverem sobre Ronald Reagan e o final da Guerra Fria.

On the Brink, por ser demasiado apaixonado e maniqueísta, não é o livro que vai pôr fim a alguns dos debates sobre a contribuição norte-americana para o rápido e surpreendente fim da Guerra Fria. A contribuição de Jay Winik é acentuar que a vitória norte-americana na Guerra Fria só foi possível quando os Estados Unidos juntaram ao desafio militar e económico o desafio ideológico. Para Winik, o sentido de missão e o desejo de conversão de Reagan e dos neoconservadores foram essenciais para os extraordinários acontecimentos do final dos anos oitenta.

Aqueles que, nos anos noventa, continuam interessados em ver o Novo Mundo equilibrar os desequilíbrios do Velho Mundo não deixarão de prestar atenção ao argumento que o software ideológico norte-americano é, pelo menos, tão importante como o hardware militar e económico. O sentido de missão norte-americano é algo que deixa os europeus confusos, desorientados e, às vezes, furiosos. Ao ouvirem falar do excepcionalismo norte-americano a maior parte dos europeus tende a sorrir ou a dizer: *quelle horreur!*

On the Brink pode ser resumido a quatro palavras: as ideias têm consequências. Os Europeus que continuam a temer o abandono norte-americano que se cuidem.

Notas

¹ John Lewis Gaddis, *The United States and the End of the Cold War. Implications, Reconsiderations, Provocations*, Oxford, Oxford University Press, 1992, p. 119.

² Michael Mandelbaum, *The Nuclear Revolution. International Politics before and after Hiroshima*, Cambridge, Cambridge University Press, 1981, pp. 151-153; Henry Kissinger, *Diplomacy*, New York, Simon and Schuster, 1994, pp. 607-609; e, Christoph Bluth, *Britain, Germany and Western Nuclear Strategy*, Oxford, Oxford University Press, 1995, pp. 3-5.

³ Beatrice Heuser, *nato, Britain, France and the frg. Nuclear Strategies and Forces for Europe, 1949-2000*, London, Macmillan, 1998, p. 19.

⁴ John Lewis Gaddis, *op. cit.*, p. 62.

⁵ Tony Smith, *America's Mission. The United States and the Worldwide Struggle for Democracy in the Twentieth Century*, Princeton, Princeton University Press, 1994, p. 273; e, Henry Kissinger, *op. cit.*, p. 771.

⁶ Raymond Garthoff, *The Great Transition. American-Soviet Relations and the End of the Cold War*, Washington, The Brookings Institution, 1994, p. 759.

⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 755.

⁸ Richard Pipes, «Misinterpreting the Cold War. The HardLiners Had It Right», *Foreign Affairs*, vol. 74. n.º 1, Janeiro/Fevereiro de 1995, p. 155.

⁹ Henry Kissinger, *op. cit.*, p. 771.